

# INVESTIMENTOS EM ALTA

## É o que prevê líder da Indústria química

A indústria química, termômetro da atividade industrial por ser fornecedora de todos os setores — da agricultura à construção civil, passando pelo setor têxtil e automobilístico —, faturou cerca de US\$ 12 bilhões em 1995, com um crescimento de 9%, enquanto a expansão da economia como um todo deve ser de 3%, segundo estimativas do presidente da Associação Brasileira da Indústria Química, Carlos Mariani Bittencourt. “Apesar dos altos e baixos, 95 foi melhor que 94”, diz Mariani, que encara com otimismo o ano de 96, para o qual ele prevê um crescimento “modesto”, mas sem os “altos e baixos” do ano que passou.

Mariani prevê que, “resolvidos o enrosco macroeconômico e os problemas com as reformas, a economia vai crescer mais do que esses medíocres 3%” e o País poderá recuperar sua capacidade de investimento em larga escala. Ele ressalva que isso só será obtido com a reforma fiscal, que ele

considera “a maior ameaça” à consolidação do Plano Real.

O presidente da Xerox, Carlos Salles, também alimenta previsões bastante favoráveis para 96. “O País vai bem”, afirma: “Tenho 56 anos e nunca vi o País assim, com inflação tão baixa.” Ele tem boas razões para esse otimismo. A Xerox fechou 95 com faturamento de US\$ 1,4 bilhão.

Entre os projetos para 96 está a

triplicação das exportações da empresa nos próximos três anos, que deve aumentar dos atuais US\$ 90 milhões para cerca de US\$ 300 milhões. Para isso, estão previstos investimentos de US\$ 140 milhões, para renovação do parque industrial e modernização da infra-estrutura de logística, distribuição e telecomunicações.

“Queremos construir um futuro azul. No momento em que se acredita que isso pode acontecer, você cresce”, diz Carlos Salles.

O presidente da Aracruz Celulose, Luiz Kaufmann, prevê, com base nas projeções fornecidas por consultores, que o crescimento da economia será de 4%, com índices

de inflação que vão de 20% ao ano para o consumidor (IPC) para 14% nos preços do atacado (IPA). O câmbio, acredita Kaufmann, continuará “um pouco” defasado em relação ao IPA. “Mas para assegurar esse quadro é importante a implantação do ajuste fiscal, a aceleração

das privatizações e uma importante redução do déficit público”, diz Kaufmann. O empresário está convicto de que a carga tributária será um fator importante no crescimento econômico, assim como a redução das taxas de juros, que permitirão a realização de investimentos na infra-estrutura do País. Para Kaufmann, 1995 será lembrado como “um ano muito bom para a economia brasileira”.

**Cláudia Schüffner**

**Crescimento em 96 será modesto, mas sem os altos e baixos de 95, prevê Mariani**